

Wladimir Saldanha

# CULPE O VENTO

## SUMÁRIO

A ilha	11
--------	----

### LIVRO 1 – AS CULPAS DO POEMA

Díptico civil:	
I – Registro geral	15
II – Segunda via	16
Um lagarto, somente	17
O ato falho	20
Espaço aéreo	21
A caminho de casa	23
Chá de espera	26
Se a pluma desgarrada for poema?	27
Soneto das gavetas vazias	29
No ponto. Sob a marquise.	30
O assinalado	31
A Eva de Rodin	32
Menino e menina	36
Assim como roubar	37
Você quando voltou foi pálida	38
Atrasado para o enterro	40
As adjacências	41
Muro branco	43
Já agora	45
Diagnóstico para o velho político	46
Não <i>como um rio</i>	48
Epitáfio do caranguejinho	52
Carros por bonecas	53
Eu, por exemplo	55
Os panos da morte	56
Soneto encarcerado	58

LIVRO 2 – CULPE O VENTO OU CAMPING SELVAGEM

Primeira lufada:

Pra dentro!	63
Expedição à casa dos sonhos	64
Turismo na Ilha do Medo	66
Torturas de Pã	67
A máscara	68
<i>Luz da lua</i> , para uso próprio	69
Aprendizado	70
<i>Solve et coagula</i>	71
<i>Arieta esquecida</i> , para uso próprio	73
Morte de Pã	74
A casa lírica (I)	76
Ex-soneto da casa e do cachorro	78
Só há verão na minha Rússia	79
Canções de outono	
I – Do outono veloz	80
II – Do outono escapista	81
III – Do outono eterno	82
Encontro com o semelhante	83
<i>Gaspard Hauser canta</i> , a duas vozes	86
Poema feito de queda	87
<i>Culpar o vento?...</i>	90

AS MORTES ENSOLARADAS

Casulos	93
Cemitérios de Salvador	94
A porta de vidro	98
Ela rouba a cena	99
Aula noturna	101
Mais que viúva e órfã	102

O antologista ou Da morte saltadora	104
Os termos sacramentais	105
Sua hora	107
Não exatamente por quem morreu	108
Na morte do Bezerra, ou do bezerro	110
Desculpas a uma viúva	111
O valor real do trabalho	112
Deus hindu	113
Necrológio de Carlos Moliterno	114
Omnipresença do vírus	115
Em memória	116
<i>Réclame</i> para Mario	119
O engenheiro	120
Mo(r)te de Cecília	121
Segunda lufada:	
Reencontro	125
A casa lírica (II)	126
Quem te chama é o vento	129
Nuvens, raízes. Flores	131
O dia em que nasceu meu duplo	133
<i>Arte poética</i> , para uso próprio	134
Um sobrado: <i>LEMBRANÇA</i>	136
Poema da menina alegre	137
Fotopoema de um bocejo	141
Imprecisão dos gatos	142
Cuidado com o cão	143
Três gafanhotos	144
Aceitação de <i>Scorpio</i>	145
Uma fantasia ou Dalva e as flores	146
Inquisições no museu	147
<i>Ao mar!</i>	149

LIVRO 3 – O TERCEIRO MAR

O terceiro mar	153
Clamor às aves do Porto	159
Prece pelas corujas da Pituba	160
Petitório do Marco de Touros	163
A poça	166
A primogênita	167
Igreja do Bonfim	170
A relíquia	172
Mesa para quatro	174
Um copo de mar ou Imaginária consulta ao Dr. Jorge de Lima	177
Abaixo às pedras portuguesas!	178
Marinho	180
Não mais o mar	181
<i>POST-SCRIPTUM</i>	185

*Para Cristiana:*

*estes anos,  
estes ventos,  
estes versos.*



## A ILHA

*“Vamos amanhã a Culpe o vento”, eu  
a ouvi convidar: “... um surubim  
na brasa, uma cerveja” – não a mim,  
pescando essa conversa benfazeja*

*no vento, ouvido atento e, ora veja,  
que nome, esse! Culpe o vento... Amanhã  
vou-me embora, pensei: pra minha chã  
ilha real (se outro vento nos despeja*

*do sonho, sempre!). E nunca mais falar  
ouvi, da Culpe o vento, aquela ilha  
do São Francisco, que um surubim*

*frequentava, peixe ambíguo! A que mar  
agora nos convida – a ti, a mim  
e às culpas do poema?... A que ilha?*





LIVRO 1  
As culpas do poema

*A literatura é uma atividade sem sossego. Não só os “homens práticos”, mas os pensadores e moralistas questionam sem parar a sua validade, concluindo com frequência e pelos motivos mais variados que não se justifica (...)*

ANTONIO CANDIDO, *Timidez do romance*.



## DÍPTICO CIVIL:

### I – REGISTRO GERAL

O número é o mesmo, desde o dia  
em que o recebi, sem questionar.  
Meu número: sem numerologia,  
grudou-se, grudou-se em mim! Sorte? Azar?

Não sei. Sei que me lembro das mãos pretas  
com que fiquei, tão sujas!, pra deixar  
as minhas digitais nas tabuletas  
e que não foi “poeta” – ao perguntar

a profissão, o que lhe declarei  
– àquela, também ela, funcionária...  
E lá estou... aguardo Wladimir

– o novo, numerado, menos pária!  
Aquele que não vem, mas o que hei  
de ser quando depois chegar a vir.

## II – SEGUNDA VIA

Mas novamente vou sujar a mão:  
mais uma vez, a cívica imundície.  
E mesmo dessa vez eu não lhe disse  
o nome dessa outra profissão

que se quer titular, sendo vice,  
e teima em não ser *hobby*, mas que não  
consegue se fazer de ganha-pão,  
e se cala e se chama de tolice.

Segunda via: dessa vez tem taxa  
pra novamente se melar de graxa  
e confirmar um número e seguir.

Que fazer, porém? Se não se acha  
nas gavetas – no fundo de uma caixa –  
o perdido poeta Wladimir!

## UM LAGARTO, SOMENTE

Sentinela da memória,  
foi passeio de lagarto  
o barulho na folhagem.  
Baixe sua escopeta,  
volte pro seu cochilo.  
Esqueça dos seus deveres  
de acordar o quartel;  
se lembre de sua mãe,  
se deite no colo terno,  
esse canto da vigia.  
Deite ali, ninguém vai ver:  
a sentinela é só uma,  
e essa mesma é você.  
No capacete emborcado,  
nele descanse a cabeça  
– improvise um travesseiro.  
Faça isso, sentinela.

*Quem toma conta do doce,  
quem mexe pra não queimar?  
Essa bolha não é ponto,  
demora mais se olhar.*

Sentinela, meu soldado,  
meu insone da memória,  
aliás, pensando bem,  
não se encolha em sua mãe...  
Durma, sim, mas não pese  
seu peso no colo frágil.

Sentinela, meu soldado,  
meu porteiro da memória,  
você é mesmo a escória  
da tropa desse quartel:  
desacatou coronel,  
demorou de forrar cama,  
esqueceu da continência,  
fez decerto algum malfeito.  
Assim que vai aprender  
a esquecer da vida antiga  
– vida tão cheia de gostos!  
Tão perdida de manias!  
Falava grosso com as tias...  
Mas esqueça aqueles rostos!  
Fale manso ao coronel.  
Bata, pois, dedos na boina.

Tampouco não se levante  
naquela preguiça de antes,  
nem deixando atrás de si  
um vinco no linho branco.  
Saia do sono no tranco;  
como uma irmã faça a cama.

Mas logo esqueça a irmã  
também, logo em seguida.  
Nada mais daquela vida  
deve estar no seu lembrar.

*Quem toma conta do doce?  
Quem mexe pra não queimar?*

Deixe queimar, sentinela,  
o doce ali cozinhando:  
seu emprego agora é outro,  
não se meta mais naquilo.  
Deixe, pois, perder o ponto;  
deixe, pois, caramelar  
– e depois esqueça o doce,  
cuspa açúcar da boca.

Amanhã, tonto de sono,  
voltará para o seu posto,  
findará com seu castigo.  
Veja então lá como faz.  
E quanto a esse ruído,  
fui eu, somente um lagarto,  
que me arrasto sem destino  
e no entanto apreensivo.  
Sei que zelo alguma coisa  
também, mas não sei quê.  
E olho muito assustado  
todo silêncio que faz.  
É que escuto muito mais  
e já sei de muita história...

Sentinela da memória,  
esquece de mim, rapaz!



## O ATO FALHO

Tentei abrir um dia certa porta  
com minha chave, foi. Tentei abrir  
a casa de uma moça quase morta  
que branca mais ficou, nervosa, a rir

– imaginei. E perguntou quem sou  
com voz tão firme, que deixou na rua,  
sem nome, sem resposta, sem gazuá,  
o pobre cabisbaixo que voltou.

Outro dia, parando os passos graves,  
e ouvindo até o tilintar das chaves,  
toquei a minha própria campainha,

foi. E esperei, confesso, por alguém  
que me abrisse a porta – um meu refém,  
fantasma, grande amor e companhia.